

Educação Física no Ensino Secundário em Moçambique: relações e estereótipos de gênero

Physical Education in Secondary School in Mozambique: relationships and stereotypes of gender

Educación Física en la Educación Secundaria en Mozambique: relaciones y estereotipos de género

MADALENA ANTÓNIO TIRANO BIVE¹; PEDRO ANTÓNIO PESSULA²; ANA PAULA DE SOUSA³;
TELMA LUÍS NHANTUMBO⁴

UNIVERSIDADE PUNGUE, UNIPUNGUE, MANICA, MOÇAMBIQUE

UNIVERSIDADE PEDAGÓGICA DE MAPUTO, UP, MAPUTO, MOÇAMBIQUE

CENTRO PROVINCIAL DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA DE GAZA, CPEDG, XAI-XAI, MOÇAMBIQUE

RESUMO

Analisamos como os/as professores/as de Educação Física lidam com as relações de gênero nas suas aulas. Os dados foram coletados em dez escolas secundárias da Província de Inhambane a partir das respostas de vinte professores/as que lecionam a Educação Física que responderam a um questionário. Para análise de dados recorremos à análise de conteúdo. Os dados evidenciam que: os/as professores/as abordam as questões de gênero nas suas aulas, considerando não existir motivos para discriminar ou separar os meninos das meninas; enfrentam dificuldades para a operacionalização de estratégias que garantam a igualdade/equidade; as questões de gênero ainda são carregadas de discriminação, estereótipos e preconceitos associados aos conteúdos de Educação Física; os debates se mostraram ser espaços de reflexão para os/as professores/as e para os/as alunos/as que de algum modo se pautam por comportamentos sexistas, influenciados pelas práticas socioculturais.

Palavras-chave: Gênero. Estereótipos. Preconceitos. Educação Física.

ABSTRACT

We analyzed how the teachers of Physical Education deal with gender issues in their classroom. The data were collected in ten secondary schools in the Inhambane province based on the responses of twenty teacher's questionnaire submitted to content analysis. The results show: the teachers address the gender issues in their classes, considering that there is no reason to discriminate or separate the boys and girls; the teachers have difficulties in implementing strategies that guarantee equality; gender issues are still fraught with discrimination, stereotypes and prejudices associated with Physical Education content; the debates proved to be spaces for reflection for teachers and students who in some way are guided by sexist behaviors, influenced by socio-cultural practices.

Keywords: Gender. Stereotypes. Prejudices. Physical Education.

RESUMEN

Analizamos cómo los maestros de Educación Física tratan las relaciones de género y los estereotipos en sus clases. Los datos fueron recolectados en 10 escuelas secundarias de la Provincia de Inhambane con base en las respuestas de 20 maestros que enseñan educación física y respondieron un cuestionario. Para el análisis de datos utilizamos análisis de contenido. Los datos muestran que: los maestros abordan las cuestiones de género en sus clases, considerando que no hay razón para discriminar o separar a los niños de las niñas; los maestros enfrentan dificultades para implementar estrategias que garanticen la igualdad; las cuestiones de género aún están plagadas de discriminación, estereotipos y prejuicios asociados con el contenido de Educación Física; los debates demostraron ser espacios de reflexión para docentes y estudiantes que de alguna manera se guían por comportamientos sexistas, influenciados por prácticas socioculturales.

Palabras clave: Género. Estereotipos. Prejuicios. Educación Física.

¹ Docente da UniPunguê. E-mail: madalenatirano15@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0622-2053>.

² Docente da UP. E-mail: pessula.fefd@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3727-262X>.

³ Docente da UP. E-mail: apmsousa70@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4313-8926>.

⁴ Especialista de Educação do CPEDG. E-mail: ntelmaluís@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9465-5865>.

INTRODUÇÃO

Um dos grandes desafios na planificação e orientação de temas de Educação Física nas escolas secundárias é garantir que meninas e meninos estejam envolvidos nas mesmas atividades, beneficiando-se de mesmas possibilidades e oportunidades de prática, garantindo a igualdade e equidade de gênero⁵.

O exercício de garantir a igualdade e equidade de gênero exige do/a professor/a a capacidade de desconstruir determinadas práticas e discursos carregados de estereótipos e preconceitos de gênero, assumidos pelos meninos e meninas em determinados temas, como por exemplo no futebol e nas danças tradicionais.

Nesta perspectiva, a escola é uma instituição que tem como missão, segundo a Lei do Sistema Nacional de Educação, (i) promover a cidadania responsável e democrática, a consciência patriótica e os valores da paz, o diálogo, a família e o ambiente; (ii) promover a democratização do ensino, garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolar dos cidadãos; (iii) organizar e promover o ensino, de acordo com os padrões morais e éticos aceitos na sociedade, respeitando os direitos humanos, os princípios democráticos, cultivando o espírito de tolerância, solidariedade e respeito ao próximo e às diferenças visando o desenvolvimento sustentável, preparando integralmente o ser humano para intervir ativamente na vida política, econômica e social (MOÇAMBIQUE, 2018).

Estes propósitos da educação moçambicana demonstram que as questões de gênero devem incorporar as práticas e discursos dos/as professores/as na escola. As questões ligadas aos preconceitos de gênero na abordagem dos temas de Educação Física, em Moçambique, foram ressaltadas em estudo anterior de Bive e Pessula (2018) sobre as concepções de gênero nas aulas de Educação Física em Tete.

Neste artigo, Bive e Pessula (2018) observaram que o futebol e as danças tradicionais foram identificados como as mais frágeis para adoção de comportamentos sexistas. No entanto, os/as professores/as envolvidos/as nesta pesquisa mostraram a necessidade de discutir e debater questões ligadas às relações de gênero, envolvendo os alunos e os pais e encarregados de educação, o que na prática não aconteceu. Com este estudo ficou destacada a necessidade dos/as professores/as adotarem estratégias práticas e concretas para a construção de relações de gênero, numa perspectiva de igualdade e equidade.

Para complementar esta constatação, importa destacar o estudo realizado por Bive (2019) sobre o livro didático de Educação Física no Ensino Básico analisando as representações de meninas e meninos nos conteúdos imagéticos, em que conclui que os desportos coletivos privilegiam a representação de imagens de meninos enquanto as danças e jogos tradicionais são representados pelas imagens das meninas, fato que vem reforçar as questões de estereótipos, preconceitos e discriminação baseados no gênero.

Consideramos que os estereótipos de gênero não fazem sentido na escola, pois, entendemos que a escola é responsável pela desconstrução de práticas e discursos estereotipados sobre o gênero, tanto dos/as professores/as como dos/as seus/suas alunos/as.

Abordar a questão da discriminação baseada no gênero no contexto moçambicano é chamar à consciência os fazedores das práticas socioculturais, principalmente sobre os ritos de iniciação e a mudança de estratégias de abordagem, transformando-as em práticas construtivas ao contexto dinâmico onde as meninas e meninos estão inseridos. Vale destacar que os ritos de iniciação como práticas sociais permitem através de suas

⁵ Para nós a igualdade é garantir que os homens e mulheres tenham os mesmos direitos e deveres; a equidade é o tratamento igual para homens e mulheres em relação a qualquer atividade.

ações criar uma “coesão social” através de estratégias para a regulação de comportamentos segundo valores que reforçam a dominação e as desigualdades sociais, inferiorizando as meninas (OSÓRIO; MACUÁCUA, 2013).

Para Osório e Macuácua (2013), os atos dos ritos de iniciação constituem aparatos ideológicos para a construção de sujeitos femininos e masculinos, o que reforça um “poder assimétrico”, pois, são aparatos para disciplinar corpos, legitimando nos seus ensinamentos certo tipo de sexualidade associada a padrões sociais pré-definidos do ser feminino e masculino.

As discussões em torno dos ritos de iniciação levantadas por Osório e Macuácua (2013) evidenciam a necessidade de redimensionar as estratégias e as formas de proceder nestes ritos. É preciso garantir a preservação da cultura, mas também é importante sua atualização para responder à realidade do contexto de desenvolvimento, no caso, as aulas de Educação Física.

O presente estudo pretende analisar a forma como os/as professores/as de Educação Física lidam com as relações de gênero e quais os estereótipos e preconceitos de gênero influenciam suas práticas. Assim, é imperioso caracterizar a forma como as meninas e meninos se relacionam nas aulas de Educação Física e descrever as formas e comportamentos estereotipados manifestados por estas e estes nas aulas de Educação Física.

OS ESTEREÓTIPOS E PRECONCEITOS DE GÊNERO: QUESTÕES POR CONTORNAR NAS RELAÇÕES DE MENINAS E MENINOS

Os estereótipos de gênero são frequentes nas aulas de Educação Física, pois estão associados a comportamentos “sexistas” que influenciam a prática desportiva escolar, permitindo que os meninos e as meninas tenham percepções não aceitas numa sociedade multicultural.

Neste sentido, Fontoura *et al.* (2012) consideram que os professores devem libertar-se e emancipar seus/suas alunos/as dos estereótipos de gênero. Essa transformação visa permitir a expressão de potencialidades em cada criança e adolescente, independentemente do gênero, com equidade de oportunidades para meninos e meninas.

Ademais, o fato de a escola estar inserida num contexto social e cultural com crenças e práticas próprias não significa que a escola não possa redimensionar os discursos e abordagens na prática pedagógica dos professores e das professoras de modo que tanto as meninas como os meninos compreendam e respeitem os conceitos, abordagens e diferenças de gênero como uma realidade decorrente de um processo de relações sociais.

No nosso entendimento as questões ligadas aos estereótipos e preconceitos de gênero são mais evidentes quando existe separação de tarefas para meninas e meninos, num contexto de prática diferenciada, inferiorizando-as e reduzindo as suas capacidades, o que leva as meninas a questionarem os motivos de não realizarem determinados exercícios realizados pelos meninos. Neste contexto, o/a professor/a desempenha um papel crucial na conscientização das meninas e dos meninos de que ambos têm as mesmas capacidades e devem desenvolver as mesmas tarefas.

Assim, nas aulas de Educação Física é frequente assistir-se a cenários de rejeição e discursos preconceituosos tanto por parte dos meninos como das meninas. Estes cenários merecem reflexão e análise crítica por parte da escola, dos/as professores/as, assim, como dos/as próprios/as alunos/as, o que demanda a necessidade da escola e

dos/as professores/as criarem espaços de debates para a discussão e construção de gênero e sexualidade dentro do contexto escolar.

Fontoura *et al.* (2012) analisaram as relações estabelecidas entre a formação e a prática docente em questões do gênero no currículo e no cotidiano escolar, tendo observado que “[...] os/as professores/as relataram que as questões de preconceitos, se perpetuam através do currículo e a não reflexão contribui para perpetuar as relações de poder, dando superioridade ao homem” (p. 16).

A questão do currículo de Educação Física, segundo Soares *et al.* (2014) deve estar vinculada ao Projeto Político Pedagógico⁶ da escola, onde devem ser salvaguardados os interesses das classes menos favorecidas. Assim, os autores defendem que os temas de Educação Física a serem explorados na escola devem emergir da realidade dinâmica concreta do mundo dos/as alunos/as.

Por esta razão, defendemos que a Educação Física como prática pedagógica desenvolvida na escola deve ser capaz de explorar os temas da cultura corporal presentes no repertório motor da criança, resultantes de suas experiências e vivências sociais. Isto significa que os temas de desportos coletivos (basquetebol, futebol, handebol e voleibol), conteúdos hegemônicos presentes no nosso currículo devem ser questionados, transformados e ajustados para responder à cultura e prática social dos/as alunos/as.

No entender de Uchoga (2012), a maneira de organizar as aulas mostrou-se como um fator importante para que outros tipos de sociabilidades fossem vivenciados pelos/as alunos/as. A autora relata um episódio que ocorreu numa das aulas de ginástica artística, na qual meninos e meninas agruparam-se de acordo com critérios de interesse em cada uma das “estações” propostas e não pelo gênero e/ou habilidade. Já em outra escola o mesmo conteúdo foi desenvolvido de maneira mais próxima de sua vertente competitiva o que produziu um grande número de autoexclusões principalmente entre as meninas.

No nosso entender, o/a professor/a de Educação Física deve estar preocupado/a em potenciar ambientes de aprendizagens nos quais a construção das relações de gênero seja debatida, desconstruindo a pedagogia tradicional e assumindo o dinamismo da sociedade como algo inevitável e irreversível. Este dinamismo traz consigo a necessidade de desenhar novas políticas sobre empoderamento da mulher, igualdade, equidade de gênero e valorização das diferenças em diferentes contextos sociopolíticos.

Uchoga (2012) diz que as construções de gênero influenciam nos modos de participar e aprender nas aulas de Educação Física, assim como a diversificação de conteúdos desta disciplina, em alguns momentos, pode ser um fator desconcertante das relações de gênero presentes na escola. Neste sentido, assumimos o posicionamento de Altmann (2001) que defende que o desporto deve abrir espaços de transformação e de “grande possibilidade educativa” para os meninos como para as meninas, assumindo assim, o lúdico como espaço de transformação e recreação.

Concordando com Sciacca (1996, p. 41) temos que pensar nas mudanças das nossas concepções pedagógicas privilegiando as “[...] concepções epistemológicas, éticas, metafísicas da realidade”. Entendemos que as concepções pedagógicas podem ser redimensionadas em função da necessidade de construir novas abordagens e discursos no seio dos/as alunos/as a serem formados como base na realidade do contexto onde estão inseridos.

⁶ “Um projeto político-pedagógico representa uma intenção, ação deliberada, estratégia. É político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações” (SOARES *et al.*, 2014, p. 27).

Daí que o desafio, segundo Uchoga (2012), é (re)pensar na Educação Física maneiras de organização de aulas que contemplem a diversidade e que possibilitem atrelar formas diversas de manifestação de movimentos, gestos e sociabilidades.

O redimensionamento das abordagens de gênero na Educação Física em outras dimensões da sociedade deve estar associado à compreensão da construção desta abordagem a partir de determinadas práticas socioculturais que nas suas aprendizagens diferenciam as das meninas e dos meninos, no contexto africano no geral e, em particular, em Moçambique.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Optamos pela pesquisa qualitativa, alicerçada na perspectiva fenomenológica, por ser aquela em que a investigação decorre num ambiente natural que serve de fonte direta para a coleta de dados (LÚDKE; ANDRÉ, 2017). Este tipo de pesquisa nos permitiu analisar os discursos dos/as professores/as sobre os estereótipos de gênero presentes nas aulas de Educação Física.

A abordagem metodológica esteve alicerçada na perspectiva fenomenológica porque, de acordo com Martins (2006, p. 55), “[...] abre a possibilidade de descrição, análise e reflexão da realidade vivida pelo professor ao estar com os outros, alunos e professores, dando destaque à perspectiva da existencialidade humana, que se efetiva na complexidade do imediato e na vida”.

Neste contexto, realizamos o estudo em 10 escolas secundárias localizadas na Província de Inhambane (Cidade da Maxixe; Vila de Homoine; Cidade de Inhambane), região sul de Moçambique.

Foram envolvidos no estudo 20 sujeitos dos quais 3 professoras e 17 professores com experiência que varia entre 3 e 36 anos. Em relação à formação observamos que 17 professores/as têm nível superior, 2 o nível médio e 1 não tem formação na área.

Para a recolha de dados aplicamos um questionário com 19 questões, das quais 10 fechadas e 9 abertas⁷, com intuito de compreender como os professores lidam com as questões de gênero, partindo de suas concepções, suas práticas e como estas concepções são influenciadas pelos estereótipos e preconceitos de gênero que se manifestam em determinamos conteúdos de Educação Física.

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo de BARDIN (2009) que apresenta três fases, nomeadamente a pré-análise, a exploração do material e a interpretação de dados. A fase de pré-análise tem como objetivo sistematizar os dados, para que o analista possa conduzir as operações sucessivas de análise, escolha dos documentos a serem submetidos à análise, estabelecer contato com os documentos a analisar e, por fim, a elaboração de indicadores para a interpretação final dos dados obtidos.

Na segunda fase há exploração do material que consiste nas operações de codificação em função de regras previamente formuladas. É a etapa mais longa e cansativa, por ser a efetivação das decisões tomadas na pré-análise. É o momento em que os dados são transformados de forma organizada e colocados em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes do conteúdo.

E a terceira fase é o tratamento de resultados, que consiste na inferência e interpretação de dados, que permitem a elaboração de categorias que condensam e destacam as informações fornecidas pela análise.

⁷ As respostas das questões fechadas são apresentadas nos quadros 1, 2, 3 e 4; as repostas das questões abertas são apresentadas em texto corrido, de acordo com o tópico a ser analisado.

AS CONCEPÇÕES DOS/AS PROFESSORES/AS DA PROVÍNCIA DE INHAMBANE SOBRE O GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Passamos a analisar as percepções e práticas dos/as professores/as de Educação Física das escolas secundárias das cidades de Inhambane e Maxixe e da Vila de Homoine.

PERCEPÇÃO DOS/AS PROFESSORES/AS SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO ENTRE OS ALUNOS E AS ALUNAS

No quadro 1 apresentamos as respostas dos professores/as sobre a manifestação de estereótipos de gênero por parte de alunos e alunas durante as aulas.

Quadro 1: Percepções dos/as professores/as sobre as relações de gênero entre os alunos e as alunas.

Perguntas	Sim	Por Vezes	Não
P1. Nota alguma discriminação sexual entre os alunos nas suas aulas?	7	2	11
P2. Pensa que os seus alunos têm preferência por alguns temas/práticas físicas em relação aos outros, em função do gênero?	9	5	6
P3. Você identifica problemas, preconceitos, discriminações ligadas ao gênero entre alunos/as?	11	4	5

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à associação das questões de gênero e as preferências de práticas nas atividades orientadas nas aulas de Educação Física observamos que 9 professores/as afirmam que tanto as meninas como os meninos manifestam alguma preferência nos temas de Educação Física, e que por sua vez estes manifestam comportamentos baseados em estereótipos e preconceitos de gênero.

A preferência em unidades didáticas⁸ de jogos desportivos coletivos, principalmente o futebol, pelos meninos e as danças tradicionais pelas meninas remetem-nos a uma reflexão ao incumprimento do pressuposto de uma educação equitativa entre meninos e meninas, inviabilizando a coeducação.

A Educação Física na escola deve assumir como base o conhecimento de diferentes manifestações culturais e desportivas e abrir espaços para a exploração de diferentes formas para o desenvolvimento da corporeidade, por isso, o/a professor/a que explora os temas deve compreender a necessidade das meninas e meninos experimentarem diversas manifestações com vista ao enriquecimento de suas experiências e habilidades motoras num clima de partilha (SOARES *et al.*, 2014).

RELAÇÕES DE GÊNERO NA LECIONAÇÃO DAS AULAS PELOS/AS PROFESSORES/AS

No quadro 2 apresentamos as percepções dos/as professores/as sobre as relações de gênero durante as lecionação das aulas.

⁸ Os temas de Educação Física estão enquadrados dentro das unidades didáticas. Entendemos unidades didáticas como um conjunto de temas e conteúdos que estabelecem uma estreita ligação entre si e compõem o plano de ensino de para uma série (LIBÁNEO, 2013). Baseado em Libâneo (2013), uma unidade didática tem como características organizar um todo homogêneo de conteúdos em torno de uma ideia central do programa descrito em diferentes tópicos temáticos.

Quadro 2: Relações de gênero na leção das aulas pelos/as professores/as.

Perguntas	Sim	Por Vezes	Não
P4. As suas aulas são ministradas de forma diferenciada para meninos e meninas?	0	2	18
P5. Nas avaliações, a classificação/cotação varia em função do gênero?	1	4	15
P6. Meninos e meninas são avaliados por variantes diferentes?	3	0	17
P7. Enfrenta alguma dificuldade em garantir equidade entre meninos e meninas?	1	2	17

Fonte: Elaboração própria.

No desenvolvimento das aulas, 18 professores/as disseram que não diferenciam as atividades em função do gênero. Quanto às avaliações a maior parte dos/as professores/as afirma que não diferencia em função do sexo e garante que não enfrenta dificuldades para garantir a equidade entre meninos e meninas.

Estes resultados remetem-nos a um diálogo com Albernaz e Longhi (2009) quando defendem que a “[...] escola é o local indicado para discutir as questões ligadas a igualdade e equidade de gênero” (p. 90). Por isso, entendemos que nas aulas de Educação Física os/as professores/as devem promover aulas coeducativas nas quais alunos e alunas desenvolvem as mesmas atividades, integrados nos mesmos grupos.

Fontoura *et al.* (2012) reforçam essa ideia ao afirmarem que a escola e os/as professores/as devem trabalhar as questões de gênero, desde o ensino primário com objetivos de transformar os preconceitos emitidos pela própria sociedade, no sentido de acabar com as desigualdades na base do gênero.

Ainda nas relações de gênero durante a leção das aulas foram realizadas perguntas abertas cujas respostas apresentamos a seguir. Questionados sobre como organizam as suas aulas, 15 professores/as afirmam que meninas e meninos fazem as mesmas atividades juntos; enquanto 5 declaram que variam as formas de organização em função do tema da aula.

No que tange as diferentes formas de organização em turmas mistas Altmann (2001) afirma que tanto as meninas como os meninos merecem o mesmo tratamento na organização e orientação das estratégias de aprendizagens em todos os temas ligados à Educação Física.

Questionamos os/as professores/as sobre se observam influência para a sua produtividade em relação ao gênero, 2 professores/as dizem que as meninas são mais produtivas; 15 professores/as afirmam que o gênero não influencia na produtividade e 3 professores/as declaram que os rapazes são mais produtivos.

No que tange à influência do gênero no desempenho das atividades apoiamo-nos em Libâneo (2013) que enfatiza a utilização de método de trabalho em grupo, como sendo um dos métodos indicados para promover a colaboração, coesão entre meninos e meninas.

Inquiridos sobre como professores e professoras discutem a questão do corpo com os/as alunos/as um/a professor/a afirma que aborda o assunto quando os/as alunos/as manifestam interesse; 17 professores/as declaram que abordam abertamente a questão do corpo em plena aula em forma de debate e 2 professores/as dizem que abordam em particular, quando o/a aluno/a apresenta a sua dificuldade.

Neste aspecto observamos que a maior parte dos/as professores/as discute as questões do corpo relacionando-o com o gênero e as transformações que ocorrem em função da idade. Está evidente que os/as professores/as doseiam a intensidade das suas aulas tendo em conta as particularidades de cada aluno/a.

Questionados sobre como organizam os grupos nas suas aulas de Educação Física, um/a professor/a diz que organiza por gênero; 4 professores/as declaram que organizam por escolha deles e 15 professores/as afirmam que organizam por aptidão física independentemente do gênero. Nesta questão há evidência de que os/as professores/as tratam o corpo na perspectiva de rendimento quando a maioria olha para as atividades em função da aptidão física. Moreira (2003) sustenta que quando se evidencia a aptidão física nas aulas de Educação Física demonstra-se que o corpo vale o quanto rende.

Moreira (2003) também afirma que render significa produzir mais, ganhar mais, ter um lucro maior, conotações essas que desprezam os corpos que rendem menos. Na perspectiva de perfeição de rendimento, justifica-se sua antítese, de exclusão, permitindo que corpos sejam descartados a partir do momento que não mais rendem segundo o padrão da perfeição.

Perguntados sobre a necessidade de considerar importante discutir/trabalhar com as/os alunos/as assuntos que dizem respeito ao gênero, um/a professor/a considera importante abordar pelas transformações físicas que ocorrem na adolescência; 10 consideram ser necessário abordar as posturas físicas que se devem adotar durante o exercício em função do gênero e 9 consideram que é importante falar sobre a gravidez precoce e Doenças Sexualmente Transmissíveis. Nesta questão os/as professores/as demonstram o que Santomé (2013) considera uma intervenção inadequada no currículo ao optar-se por agrupamentos, conteúdos e tarefas escolares em função do gênero, da classe social, da etnia e das capacidades dos alunos.

Em relação às unidades didáticas ou modalidades em que separam meninos das meninas, um/a professor/a respondeu que separa meninos e meninas em todas as modalidades; 15 professores/as asseguram que em nenhuma modalidade separam alunos e alunas; 3 professores/as confirmam que separam meninos e meninas nas modalidades coletivas e um/a professor/a diz que separa nas modalidades individuais.

A necessidade de não separação de meninas e meninos nos desportos coletivos é defendida por Canan, Brito e Dobrantz (2017) ao considerarem que os/as professores/as de Educação Física tendem a desconstruir os modelos de ensino de jogos desportivos tradicionais, pois os modelos atuais procuram reduzir os fatores de exclusão, potenciando a inclusão e a participação de todos de forma coletiva no jogo.

Percebemos que quanto mais alunos participarem das mesmas atividades junto com as alunas permitirá que ambos possam exprimir as suas experiências e potencialidades e esta ação ajudará que uns e outros possam respeitar as suas diferenças e valorizar as experiências manifestadas durante a prática do jogo.

Perguntamos sobre o que fazem para motivar as meninas nas suas aulas, um/a professor/a afirmou que as motiva colocando a jogarem contra rapazes; 7 professores/as disseram que motivam quando formam equipas mistas; 4 comentaram que motiva-as quando as meninas jogam entre si e 8 professores/as declaram que depende das modalidades.

A motivação dos alunos a partir de equipas mistas é uma experiência evidenciada na visão de Nista-Piccolo e Moreira (2012) quando consideram que as aulas de Educação Física devem ser abordadas aos alunos e alunas discutindo o desporto como um fenómeno que surge por meio de vivências e experiências dos/as próprios/as alunos/as a partir do contexto sociocultural em que estão inseridos.

ABORDAGENS SOBRE O GÊNERO DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sentimos a necessidade de questionar se os/as professores/as abordam questões sobre estereótipos de gênero nas aulas de Educação Física e as respostas apresentamos no quadro 3.

Quadro 3: Abordagens sobre o gênero durante as aulas de Educação Física.

Perguntas	Sim	Por Vezes	Não
P8. Costuma falar sobre gênero e Educação Física nas suas aulas?	17	2	1
P9. Você pensa que existe alguma relação entre o gênero e atividade física?	8	2	10

Fonte: Elaboração própria.

No que tange a relação entre o gênero e as atividades físicas, 10 professores/as defendem que não existe nenhuma relação, no entanto alguns, como apresentamos anteriormente, separam meninos e meninas em algumas atividades. Igualmente, não entendemos como abordam a relação entre o gênero e Educação Física enquanto para eles não existe relação. Nestas questões há uma clara contradição no discurso dos/as professores/as, o que mostra que existem estereótipos e preconceitos de gênero nos sujeitos estudados.

Uchoga (2012) afirma que em conteúdos de desportos coletivos, os conflitos de gênero estão presentes apesar de reconhecer que se trata de conteúdos que tanto meninas como meninos devem aprender ao longo da sua trajetória para o desenvolvimento de habilidades físicas e motoras. Os resultados desta pesquisa remetem-nos ao grande desafio que temos como professores/as de Educação Física no sentido de desenhar estratégias concretas para que tanto meninas e meninos se enquadrem nas modalidades desportivas e ambos assumam como sendo necessárias para a vida.

PLANIFICAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PELOS/AS PROFESSORES/AS

Entendemos que as abordagens sobre o gênero não devem ser pensadas apenas durante a aula mas deveriam começar no momento da planificação e na aquisição dos equipamentos para as aulas. As respostas são apresentadas no quadro 4.

Quadro 4: Planificação das aulas de Educação Física pelos/as professores/as.

Perguntas	Sim	Por Vezes	Não
P10. Durante as planificações do grupo, vocês discutem questões sobre o gênero?	9	8	3

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à planificação das aulas, 9 professores/as afirmaram que discutem as questões de gênero durante o processo de preparação das aulas; 8 declaram que nem sempre o fazem e 3 não discutem.

Para que as questões de gênero sejam tratadas sem preconceitos é fundamental que os/as professores/as discutam entre si na planificação de suas aulas, assim como na abordagem dos temas de Educação Física o que permitirá melhor compreensão sobre a necessidade de não discriminar em função das características biológicas e considerar o papel igualitário que deve ser desempenhado na sociedade onde estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos nossos resultados constatamos que os professores de Educação Física abordam as questões de gênero nas suas aulas, considerando não existir motivos para discriminar ou separar os meninos das meninas. Apesar dos professores estarem cientes da necessidade de construir concepções de igualdade e equidade de gênero por meio de estratégias que garantam possibilidades e oportunidades iguais nas mesmas tarefas, estes ainda enfrentam dificuldades para a sua operacionalização efetiva.

Um dado interessante prende-se com o reconhecimento e a importância que os professores atribuem às questões de gênero, porém, estas ainda são carregadas de discriminação, estereótipos e preconceitos associados aos temas de Educação Física porque não conseguem implementar estratégias de coeducação nas quais meninos e meninas têm as mesmas possibilidades e oportunidades de praticar todas as unidades didáticas juntos.

Os debates sobre as questões de gênero, estereótipos e preconceitos mostra-se ser um espaço de reflexão tanto para os/as professores/as, como para os/as próprios/as alunos/as que de algum modo se pautam por comportamentos sexistas, influenciados pelas práticas socioculturais.

Entendemos que os/as professores/as devem desenvolver nas aulas atividades que estimulem a interação entre meninos e meninas e levá-los a questionar os estereótipos e preconceitos que as diversas manifestações desportivas e culturais são promotoras.

A reflexão sobre as estratégias que orientam a ação dos/as professores/as também é pertinente, principalmente das concepções pedagógicas adotadas nas aulas de Educação Física, ou seja, sobre quais perspectivas pedagógicas ou paradigmas estes temas são orientados.

As políticas públicas desenhadas devem estar ajustadas e comprometidas com as transformações das relações sociais, culturais e institucionais, reduzindo desta forma as desigualdades sociais e produzindo novos contextos sociais, novas identidades, dado que Moçambique é um país multicultural.

No entanto, assumindo que Moçambique é um país multicultural, a questão que surge é a seguinte: *Como a educação e a escola devem olhar para as diferentes culturas?* Esta questão deve ser incorporada em projetos comunitários, nas políticas e práticas pedagógicas. Estas devem ser inclusivas incorporando diferentes grupos e projetos emancipatórios.

Observamos que em Moçambique, o currículo de Educação Física deve explorar as experiências e vivências dos/as alunos/as, compreendendo o surgimento e o percurso histórico dos vários temas que fazem parte do currículo, como por exemplo, a história dos desportos, das danças e das lutas. O resgate dessas práticas constitui elementos e pontos de destaque no processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, L. S.; LONGHLOI, M. Para compreender gênero: uma ponte para relações igualitárias entre homens e mulheres. In: SOTT, P.; LEWIS, L.; QUADROS, M. T. (Org.). **Gênero, diversidade e desigualdade na educação: interpretações e reflexões para a formação docente**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2009. p. 75- 95.

ALTMANN, H. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

Motricidades: Rev. SPQMH, v. 4, n. 1, p. 4-14, jan.-abr. 2020 | ISSN 2594-6463 | DOI: <http://dx.doi.org/10.29181/2594-6463.2020.v4.n1.p4-14>

BIVE, M. A. T.; PESSULA, P. A. Percepções sobre as relações de gênero em escolas de Moçambique: discurso e prática. **Motricidades**, v. 2, n. 3, p. 201-209, set.-dez. 2018.

BIVE, M. A. T. **Livro didático de educação física no ensino básico**: um estudo sobre as representações de meninas e meninos nos conteúdos imagéticos. Maputo: UPM, 2019.

CANAN, F.; BRITO, D. B.; DOBRANTZ, V.; MIOLA, A. Repensando o ensino dos jogos esportivos coletivos na escola. **Cadernos de Formação CBCE**, p. 44-54, mar. 2017. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/download/2226/1215.2017>. Acesso em: 27 mar. 2020.

FONTOURA, M.; SPERANZA, M. A.; DORS, S. R.; NETO, I.; TITTON, L.; PETROLI, J. M. F.; STECANELA, N.; POLETO, L. B. Gênero e currículo: as questões de gênero no cotidiano da rede escolar pública do município de Bento Gonçalves - RS. *In*: SEMINÁRIO DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO E EDUCAÇÃO, 1., 2012, Bento Gonçalves. **Anais [...]**. Bento Gonçalves, 2012. p. 1-13. Disponível em: <https://upplay.com.br/restrito/nepso2012/seminario/uploads/Grupos%20de%20Pesquisa/Artigo%20Genero%20e%20Currículo.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2017.

MARTINS, J. A ontologia de Heidegger. *In*: MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. (Org.). **Estudos sobre existencialismo, fenomenologia e educação**. São Paulo: Centauro, 2006, p. 43-56.

MOÇAMBIQUE. Lei nº 18/2018, Sistema Nacional de Educação. **Boletim da República**: Publicação Oficial da República de Moçambique, Maputo, 2018.

MOREIRA, W. W. Corporeidade e lazer: a perda do sentimento de culpa. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Movimento**, v. 11, n. 3, p. 85-90, jul./set. 2003.

NISTA-PICCOLO, V.; MORREIRA, W. W. **Esporte como conhecimento e prática nos anos iniciais do ensino fundamental**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

OSORIO, C.; MACUACUÁ, E. **Os ritos de iniciação no contexto actual**: ajustamento, roturas e contrapontos, construindo identidades de gênero. Maputo: WLA Moçambique, 2013.

SANTOMÉ, J. T. **Currículo e justiça social**: o cavalo de Troia da educação. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCIACCA, M. **O problema da educação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. **Metodologia do ensino de educação física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

UCHOGA, L. A. R. **Educação física escolar e relações de gênero**: riscos, confiança, organização e sociabilidade em diferentes conteúdos. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

Recebido em: 27 mar. 2020.

Aprovado em: 24 abr. 2020.